



## Entre Jornalismo e História: Interpretações Sobre o Presente<sup>1</sup>

Leticia Cantarela MATHEUS<sup>2</sup>

José Cardoso FERRÃO NETO<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

Este trabalho procura compreender o uso que o jornalismo faz de uma dada idéia de história para sua própria simbolização através de um conjunto de estratégias narrativas e editoriais. Procura-se investigar que tipo de noção de história está em jogo nesse processo, tendo o acontecimento e o ineditismo como características centrais, bem como a maneira como essa noção histórica contribui para a legitimação do jornalismo como prática cotidiana. Para isso, apresenta-se o início de um mapeamento mais amplo que inclui as retrospectivas, as edições comemorativas, entre outras estratégias de "historicização". A partir da análise dessas narrativas, percebe-se diferentes projetos de inserção de três periódicos fluminenses com mais de cem anos.

### Palavras-chave:

jornalismo; história; narrativa

O jornal O Globo, do Rio de Janeiro, publicou (15/06/08, p. 16) uma *pensata*<sup>4</sup> assinada por Arnaldo Bloch e Cristina Zarur que refletia sobre a mania de os meios de comunicação dizerem que tudo é "histórico". Chamou a atenção dos dois um excesso de adjetivação dos acontecimentos como "históricos" e eles contabilizaram mais de cem vezes em que isso ocorreu em pouco mais de um mês naquele periódico. Se tal fato despertou o interesse dos dois repórteres, o que diriam os historiadores?

Em 1972, Nora (1976) já argumentava ser característico de nosso tempo procurar enxertar sentido histórico ao presente. Esse sentido seria percebido e experimentado, sobretudo, por meio do acontecimento. Mas, se a disciplina história há muito abandonou a noção de história constituída essencialmente como coleção de fatos, essa visão teria migrado e sobrevivido nos meios de massa, sobretudo os jornalísticos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação do IACS-PPGCOM-UFF, email: [leticia\\_matheus@yahoo.com.br](mailto:leticia_matheus@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutorando em Comunicação do IACS-PPGCOM-UFF, email: [joseferrao@uol.com.br](mailto:joseferrao@uol.com.br).

<sup>4</sup> *Pensata* é um texto jornalístico que não chega a ser um editorial mas possui caráter reflexivo.



"Antes mesmo de ser eleito, Obama já fez história, ao ser o primeiro negro a ganhar prévias eleitorais" nos Estados Unidos; "Nunca antes na história deste país...", como diz o presidente Lula; ou ainda "Fluminense sofre histórica goleada para o América do México" são alguns exemplos citados no jornal. Tais "históricos" elencados não soam apenas como sinônimos de "inéditos"? Que tipo de compreensão de história está em jogo quando o diário usa o adjetivo desta maneira? Por outro lado, será que basta à mídia afirmar que um acontecimento é histórico para enxertar nele um certo sentido e gerar um conjunto de conseqüências concretas? E por que a necessidade de o jornalismo definir *avant la lettre* o que é histórico? Que tipo de poder simbólico isso trás para o jornalismo enquanto lugar de fala na sociedade?

### **Estratégias de "Historicização"**

A principal hipótese que norteia esta pesquisa é que o jornalismo vem construindo parte de sua legitimidade por meio de algo que somente o caráter "histórico" lhe confere. É provável que as estratégias de manutenção de poder desse tipo de comunicação de massa tenham precisado ser transformadas de acordo com a transfiguração dos contextos sócio-político e culturais. Se, na virada do século XIX para o XX, o homem de jornal era antes de tudo um aspirante a literato e a funcionário público, operando como o intermediário possível entre o povo e o poder (BARBOSA, 1996), de lá para cá, ele foi incorporando a seu ofício outras simbolizações: mais recentemente, por exemplo, a de investigador policial, como defende Castilho (2005). Mas talvez exista um outro elemento narrativo que confira ao jornalismo um conjunto de qualidades próprias: um certo uso da história.

Para este artigo, selecionaram-se três estratégias narrativas de "historicização" utilizadas pelos três jornais mais longevos do estado do Rio: Jornal do Commercio (180 anos), O Fluminense (130 anos) e Jornal do Brasil (119 anos). Se os repórteres Bloch e Zarur sentiram esse esforço de historicização como algo noticiável e Nora se preocupou com isso há pouco menos de 40 anos, torna-se importante verificar se esse é um fenômeno exclusivamente contemporâneo. Ao fazer isso, tendo as representações da história como eixo de análise, acaba-se por realizar também uma história do jornalismo fluminense.

Para tentar, portanto, "historicizar a historicização" jornalística, recorreu-se inicialmente ao Jornal do Commercio no século XIX. Nele, as representações da história



e certas relações com o tempo são apresentadas principalmente por meio de duas estratégias.

A primeira diz respeito a um sentido geral de história conformado nas reportagens comuns, como quando o jornal procura interpretar as possibilidades para os rumos do país a partir do nascimento do herdeiro de Pedro I ou quando, na notícia do aniversário de 20 anos de dom Pedro I, analisa o papel do imperador e de dom João na história recente. É importante perceber que, em uma época em que a notícia, tal como a conhecemos hoje, não era modelo narrativo para o jornalismo, essa historicização não pode ser compreendida de modo destacado do que era a prática cotidiana do jornalista. Buscar uma separação entre notícia e um "contar a história" seria ver o jornalismo do século XIX com o olhar do século XX.

Entretanto, não se pode dizer que não houvesse nenhum tipo de separação entre aquilo que deveria ser percebido como histórico e notícia comum. Essa separação constitui a segunda forma de "historicização", materializada na forma das retrospectivas.

Desde seu primeiro ano de existência (1827), esse jornal dedicado ao apoio ao comércio publicou balanços comerciais, resumo das variações cambiais, atividades portuárias, oscilações de preço dos principais gêneros comercializados na época, entre outras informações. Nos primeiros anos, esses balanços se limitavam às atividades do último mês. Aos poucos, o cálculo se ampliou para as médias anuais, divulgadas ou em dezembro ou em janeiro do ano seguinte. Essas informações deviam ser fundamentais para que os comerciantes locais planejassem suas atividades, ou seja, elas possuíam um caráter instrumental explícito. Entretanto, essas revisões econômicas viriam a ser acompanhadas de análises pretensamente historiográficas na década de 30.

Enquanto a última página era ocupada por quadros com todas as médias dos preços que vigoraram no ano anterior, a primeira página trazia uma "análise de fundo": "Avoa fugitivo o anno de 1835", dizia a edição de 02/01/1836. O jornal descreve a situação política nas "principais nações", explorando, sobretudo, as conseqüências dos movimentos liberais de 1830.

Todos os anos eram apresentados como muito especiais e, em vários momentos, o diário explicava como entendia seu papel frente aos acontecimentos e à história, como, por exemplo, na edição de 1º e 2 de janeiro de 1840:

ANNO DE 1839



Não passará de certo despercebido nos annaes da humanidade o anno que ainda hontem terminou, e cujos principais acontecimentos devemos aqui esboçar. *Não he tenção nossa usurpar o buril da história, nem, engolfando-nos em sublimes, philosophicas considerações, proclamar o já sediço apophthegma – o presente, filho do passado, está prenhe do futuro -, e dahi, erguendo temerário vôo, mostrar a filiação dos acontecimentos, e olhos fitos no que foi, vaticinar o que ha de ser; não, tão immodestas não são nossas pretenções, contentamo-nos com a ingloria fadiga de reunir, de modo que hum lanço d'olhos possão ser abrangidas, as occurrencias que mais influenciarão na sorte, quer da humanidade em geral, quer ainda na de qualquer das nações que, por mais avultarem no mundo ou por mais prezas comnosco se acharem pelos laços de reciprocicos interesses, mais merecem nossa atenção.*  
(JC, 1º e 2 de janeiro de 1840, grifos nossos)

Ao enunciar seu papel, bem como o que dele se diferenciaria a história, o diário propõe que o jornalismo desempenhe uma função registradora dos acontecimentos, estes, por sua vez, como dados que vão brotando da realidade.

Excusado nos he *reproduzir* aqui os acontecimentos a travez dos quaes foi esse acto consummado. As paginas do Jornal do Commercio ahi estão que pelo mundo, e debaixo das impressões do momento e da actualidade os narrão...  
(JC, 1º, 2/01/1841, grifos nossos)

Nessa retrospectiva, o Jornal do Commercio dá a entender não somente ser capaz de dar conta da história mas também que lê-lo é suficiente para dela tomar parte. O mais interessante é que, ladeados por representações do passado recente, apresentado como história, aparecem nessas passagens de ano anúncios das famosas Folhinhas Laemmert, calendário temático do ano seguinte. A presença desses elementos que evocam idéias de passado e futuro sugere que a manipulação diária de um periódico fornece mais do que informação, talvez a própria marcação cotidiana do tempo.

Os retrospectos anuais ganham destaque na década de 1840, transformando-se em suplementos de duas páginas encartados nas edições normais. Esse impulso registrador se exacerba na década de 1870, quando os suplementos passam a ser editados a cada dez dias, contendo as correspondências acumuladas.

Percebe-se aí um esforço de atualização, não somente pelo fato de o jornal publicar cartas às vezes redundantes - "Tudo na mesma" (Suplemento ao n. 101, JC, 03/04/1877) – como também pelo fato de o suplemento conter os "Telegramas de última hora" no pé da página 2, relatando as notícias "mais quentes" divulgadas pelos jornais europeus. Depois dos "Telegramas de última hora", ainda vinha a coluna "Post escriptum". O ultra-atual.



É interessante perceber nessas narrativas a presença de várias temporalidades do processo comunicativo. Ou seja, embora a tecnologia de emissão, a imprensa, fornecesse o condicionante de um tempo diário, as narrativas condensavam outros tempos do fazer jornalístico naquele momento, o que incluía a espera dos pacotes. Além disso, a expectativa de atualização se sobrepunha aos limites técnicos. Essas narrativas constituem sínteses do processo comunicacional, condensando, naquilo que Ricoeur (1994) chama mimese II, o mundo pré-figurado das condições históricas e o mundo aberto à ação.

Os suplementos eram dedicados a informações do exterior. Às vezes o jornal elaborava um texto próprio, outras vezes dava a entender se tratar da transcrição literal das cartas, inclusive com local e data originais. Algumas dessas informações eram transcrições de periódicos europeus. Como cabeçalho estava a informação de como chegaram as notícias ao país: "Pelo pacote John Elder", "Pelo pacote Habsburg", "Pelo pacote Neva" etc.

A notícia, portanto, não dependeria somente das tecnologias de transmissão, nem somente de técnicas lingüísticas, como o modelo da "pirâmide invertida" e do *lead* e *sublead*, mas da relação permanente do leitor com a rotina narrativa do jornalismo e das expectativas mais gerais da sociedade em uma certa época.

Ainda que o hiato entre um acontecimento e sua configuração narrativa pela mídia fosse mais alargado do que hoje, parece fácil imaginar que o comerciante no Rio de Janeiro do século XIX não precisasse de *lead* e *sublead*, nem do boletim da Band News que anuncia que "Em 20 minutos, tudo pode mudar", para perceber as notícias fresquinhas. Até eu, consumidora de notícias em 2008, conforme vou estabelecendo contato periódico com os microfilmes, vou me tornando capaz de perceber as novidades naqueles imensos relatórios que a princípio me pareceram as edições do Jornal do Commercio de há 180 anos.

Não se pretende afirmar com isso que houvesse uma espécie de embrião da notícia no século XIX, com estatuto e forma que adquiriria a partir da década de 1950 no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2000), mas que a percepção de ineditismo e do noticiário jornalístico não é estabelecida somente por uma deliberação profissional de "a partir de agora fazer assim" nem somente por uma "atualização tecnológica". Ela dependeria de todo o circuito de comunicação e do contexto nos quais as pessoas que fazem e que consomem um jornal estão inseridas.



## O Passado Recontado

As edições comemorativas constituem um terceiro conjunto de estratégias narrativas do qual os periódicos se utilizam para reconfigurar a sua própria versão da história. Neste trabalho, foram selecionadas as edições de aniversário não só do Jornal do Commercio como também de O Fluminense e do Jornal do Brasil<sup>5</sup>. Nelas é possível perceber um sentido de história não somente como coleção de fatos, que deveriam ser narrados na sua totalidade pelos jornais, mas também uma idéia de evolução, no sentido de aperfeiçoamento. Nessa grande história, o jornalismo se inseriria de forma específica.

Haveria, nas práticas jornalísticas, uma relação particular com o tempo, apoiada no ineditismo, como um modo de percepção moderna. Pode-se questionar se o que os jornais produzem e vendem não seria um certo modo de contato com o tempo e qual o papel desempenhado pela história nessa narratividade midiática.

Koselleck (2006) afirma ser característico da modernidade a referência ao tempo a partir de conceitos de movimento, como indicadores de mudanças socio-políticas bem como de crítica ideológica e comportamental. Modernização, progresso, desenvolvimento, crescimento, desafio, evolução, mudança, salto e transformação são termos extraídos dessas edições especiais tanto quando procuram diagnosticar o presente, quanto quando contam a atuação passada dos jornais. Esses movimentos não são apenas espaciais. Para haver um salto, é preciso deslocamento no tempo. Todos esses movimentos dizem respeito a transformações na duração. Em cada jornal, as expressões surgem vinculadas a um imaginário próprio de passado, presente e futuro, de acordo com o perfil editorial.

Não só as expressões como o modo como os jornais narram a história criam um efeito de linealidade. Ou seja, a temporalidade é vetorial progressiva, enfocando seqüências causais. No Jornal do Commercio, a origem da imprensa se confunde narrativamente com a origem do jornal. De modo claro, o jornal se considera um fator de desenvolvimento do país. Na sua edição centenária, associa, por exemplo, a evolução da medicina ao advento da imprensa no Brasil e atribui a ela a entrada do país no fluxo da história universal:

---

<sup>5</sup> Edições analisadas: Jornal do Commercio de 100 (01/10/1927) e 180 anos (01/10/2007); Jornal do Brasil de 50 (09/04/1941) e 100 anos (01/04/1991); Fluminense de 100 (08/05/1978) e 125 anos (08/05/2003).



Enquanto pelo velho mundo da Eurasia fervilhavam as ondas dos povos e raças, que durante séculos ali representavam o drama da [e]volução humana, traçando as páginas históricas da Humanidade, as vastidões da America jaziam arredadas de tudo isso, no torpor da anabiose, como elemento fecundável á espera do germe fundador.

[...] Decretada a abertura dos portos, suspensa a proibição de haver fabricas e manufacturas, fundada a typographia official [...] promptamente desenvolveram-se commercio, indústria, artes, letras e sciencias, de mais a mais se emancipando dos monopolios do reino... (Jornal do Commercio, 01/10/1927, p. 55)

Na mesma edição, um texto informa que "o Jornal do Commercio vem evoluindo com a própria evolução nacional" (primeira página). Lógica semelhante acompanha o dia 11/09/1908 (p. 3), que diz que "a imprensa é imperecível como as grandes conquistas do espírito que avantajam a humanidade". Ou seja, a imprensa, como tecnologia, mas também como metonímia para jornalismo, é comemorada como instrumento iluminador, principalmente em um sentido positivista de progresso.

Sobre uma conferência sobre a febre amarela, o Jornal do Commercio publicou em 28 de junho de 1897, na sua primeira página, a chamada "memória" do sócio correspondente Aristides Milton, lida no Instituto Histórico e Geográfico, que insinua que a história está pronta, apenas aguardando o momento de ser noticiada:

*A evolução social é uma lei* hoje reconhecida e confessada por todos os espíritos cultos, assim como um facto verificado pela literatura da humanidade inteira.

Se o homem – de anno em anno – realiza a expansão de sua actividade nos domínios do pensamento, os povos também – dia a dia – conquistão maior número de victorias e mais trophéos na luta da liberdade

[...] *É assim com as instituições sociais também.*

Procura-se, por meio dellas, o bem-estar e a glória dos povos. É certo que – desde o princípio – está delineado o caminho, que nos ha de conduzir a esse objectivo honrosissimo. Falta-nos, entretanto, acertar com ele.

No regaço immenso do futuro, *dormem acontecimentos emocionantes*, que o dia de amanhã talvez traga à flor da História para sua *solemne consagração*.

Novos regimes, outros sistemas de governo poderão substituir aos actuais.

É perenne a obra santa da civilização, como são interminos os horizontes da liberdade.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1897

(JC, 28/06/1897, primeira página, grifos nossos)

Tomando o cuidado para não explicar o texto pelo contexto de uma maneira linear, é preciso levar em conta, porém, que o momento em que o Jornal do Commercio publica esse texto - e principalmente sua edição centenária (1927) - marca o auge do ancoramento de um pensamento que mesclava evolucionismo e darwinismo social no imaginário de uma elite letrada no país, como que naturalizando as diferenças sociais.



Segundo Schwarcz (1995), reinava na época um desejo de cientificidade, sobretudo entre 1870 e 1930, que invadiu as principais instituições brasileiras. Museus, institutos históricos e faculdades adaptaram essa mentalidade a sua própria produção intelectual. Ora, se os homens que escreviam em jornal nesse período eram principalmente egressos das faculdades de Direito e Medicina, como revela Barbsosa (1996), não é difícil perceber a filiação desse tipo de interpretação sobre a realidade articulada pelo jornalismo, havendo uma troca mútua entre essas instituições e o senso-comum, em um circuito mais amplo de comunicação.

Já no Jornal do Brasil uma noção de tempo como progresso sugere a associação à idéia de evolução do indivíduo e da qualidade dos homens da nação e relata década a década os acontecimentos considerados por ele relevantes. O jornal enfoca a simultaneidade dos tempos de sua história e da história nacional, reivindicando autoridade com base em sua longevidade. Por exemplo, na sua edição centenária, o Jornal do Brasil destaca que nasceu no mesmo dia que Cole Porter.

Ao tecerem sua própria história, esses jornais atribuem um determinado valor à imprensa e ao jornalismo. As edições comemorativas podem ser entendidas, deste modo, como um momento em que essas empresas de comunicação projetam sua inserção no processo histórico por meio das representações que elaboram para si e para o Brasil. Assim, elas movem as fronteiras entre passado, presente e futuro, reelaborando suas significações. Segundo Ribeiro (1995), o jornalismo justifica sua relevância social pela história:

A mídia é elevada, assim, ao estatuto de porta-voz oficial dos acontecimentos e da transformação do social, o que lhe confere, enquanto registro da realidade, uma certa "aura". O jornalismo não só retrata a realidade e as suas transformações, mas também as registra, legando às sociedades futuras um testemunho sem igual. A mídia é a *testemunha ocular da história*. (*Idem, ibidem*, p. 27)

O testemunhar da história pode ser entendido também pelo fato de as narrativas serem articuladas de tal forma que elas fornecem um efeito de simultaneidade entre as histórias do jornal e do Brasil. Dizer-se testemunha ocular é se colocar em uma posição mais importante do que de um narrador possível do passado e do presente. É se apresentar como sendo capaz de experimentar a totalidade da história. E a noção que se tem dela, em uma sociedade altamente midiaticizada, é fruto de permanente disputa.



O Jornal do Brasil recorta sua própria história em quatro fases. Uma "origem", que representa os 60 anos anteriores à década de 50; "a reforma", que significa o período de transição para um novo jornalismo e para o qual não se estipulam marcos iniciais nem finais; os anos 60/70, quando o jornal se tornaria expressão de resistência em favor da liberdade; e finalmente a década de 80, em que o JB se estabilizaria como promotor de justiça.

Ele destaca um papel supostamente mais ativo do periódico, sendo representante e vetor do "novo". A cada narrativa desta edição, pressente-se um subtexto iminente que diria: Foi o JB que desencadeou a modernização do jornalismo no Brasil. Em vários outros momentos, entretanto, a relevância do JB é ressaltada explicitamente: "...o segundo (artigo) tem como tema a reforma editorial que revolucionou o jornalismo brasileiro." (JB, 07/04/91, chamada de primeira página)

Dois aspectos explorados na narração da origem do jornal na edição centenária são as idades dos fundadores da empresa (Rodolfo Dantas, 37 anos, Joaquim Nabuco, 42, José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, 46) e a idéia de um esforço de superação do seu tempo. Referidas a 1891, as idades significaram, para o JB em 1991, o signo da juventude empreendedora, como se esses sujeitos representassem a antecipação do futuro, ou como diz Koselleck (2006, p. 317), "a não-contemporaneidade do contemporâneo". Além da idade, destacou-se a energia dos jovens na empreitada da fundação do jornal diante das dificuldades políticas mas, sobretudo, técnicas.

A primeira *carta* de Nabuco não veio a tempo de sair no primeiro número, porque o vapor atrasou. O equipamento moderno encomendado à prestigiosa Casa Marinoni, na Europa, também não chegara (...). Na falta de melhor equipamento, o primeiro JB foi impresso numa Alauzet-Express, plana, que entrou em operação às 11 da noite. A luz mortiça do gás acetileno iluminava a oficina, de onde começou a sair um barulho que, àquela hora morta, tomou conta da Gonçalves Dias. (JB, 07/04/91, página 3, grifo original)

O Jornal do Brasil diz que viria a atuar mais ativamente na sociedade e narra como exemplo sua participação no episódio da bomba do Riocentro, colocando-se como ator decisivo no desmonte da versão do atentado subversivo. Com isso, o jornal demonstra ter ajudado a sufocar o grupo radical militar que rejeitava a abertura política. Assim, se a "História" só chegou ao Brasil nos anos 50 com a industrialização e a economia de mercado, como afirma o editorial, e o JB, entre 60 e 79, foi mais vítima da história, nos 80, ele toma sua dianteira.



Chamado de "O Velho Órgão" e fundado em Niterói (RJ), O Fluminense dá mostras, na página 2 de sua edição centenária, da relação com o tempo que pretendia construir e manter para si. Há duas reproduções: a da primeira página de 8 de maio de 1878, e a da também primeira página de 15 de março de 1975, quando saiu pela primeira vez em *offset*, considerada o ponto de partida para uma nova história do jornal. Entre a publicação de uma e outra "36 mil dias na História do Homem" como diz o título do editorial. Tendo O Fluminense dois inícios: um em 1878 e outro apenas três anos antes da edição centenária, a "história" cabe nesse meio. Na página seguinte, o título também dá conta dessa relação temporal: "Um jornal transpõe o século.", o que pode ser interpretado tanto como ele sendo atravessado pelo século quanto como se ele fizesse o século passar.

Os cem anos de um jornal – mais de 36 mil dias – são um capítulo empolgante e rico na história de um povo. A assertiva assume ainda maior significado quando este povo é o brasileiro, então *recém-emancipado* das amarras coloniais. E quando este jornal é O FLUMINENSE, nascido com um ideal de luta pelo bem, ideal que manteve e mantém até os dias que correm.  
(O Flu, 09/05/78, p. 2, grifo nosso)

O jornal diz ter não somente participado da construção da nação, "pouco" depois de o país deixar de ser colônia (56 anos antes), como também ter servido de nascedouro de "luminares do jornalismo, da literatura, das letras jurídicas e das artes em geral" (O Flu, 09/05/78, p. 2), citando Oliveira Viana, Irineu Marinho e Hermes Fontes. Também marca o editorial a idéia de que todas as tecnologias desfilaram pelas páginas de O Flu, tanto como notícia (o fonógrafo, o cinema, o vôo pioneiro de Santos Dumont, a penicilina, a chegada à lua) quanto como instrumento de produção: "desde a velha máquina movida a braço de escravos até as moderníssimas impressoras a vapor de fins do século, chegando afinal às rotativas e ao sofisticado processo *offset*." (O Flu, 09/05/78, p. 2)

Na página 6, traz a reprodução de dois editoriais que marcaram sua história: o de lançamento e o das comemorações de 50 anos, de modo a comparar o que havia mudado nesse tempo. "Dois Editoriais, Uma Conduta", diz o título. O editorial de 1928 dizia que "há 50 anos, Niterói possuía arraigados hábitos provincianos que não lhe permitiam a confiança plena no futuro." (O Flu, 09/05/78, p. 6) Por isso, O Fluminense só saía três vezes por semana, porque "não sabia que teria, na história da Imprensa do Estado do



Rio de Janeiro, o papel de registrador dos acontecimentos que remodelaram a vida na cidade, hoje borburinhante e progressista." (O Flu, 09/05/78, p.6)

A edição de cem anos é apresentada tal como uma espécie de grande retrospectiva histórica, válida para ser consumida em qualquer época, e orientada por uma espécie de pedagogia do uso documental do jornal:

Com o suplemento especial do 'Produto Fluminense', enfeixado em 8 cadernos, e mais o tablóide em policromia com a história dos '100 Anos de O FLUMINENSE', estamos dando hoje aos leitores uma visão do desenvolvimento do Estado do Rio e contando a nossa epopéia de 36 mil edições.

Aliás, estes 90 cadernos-extras se completam numa documentação analítica, e por vezes, crítica, de uma terra ligada a seu jornal. São reportagens, depoimentos e pesquisas para serem guardados e consultados em termos quase enciclopédicos. Um século de jornal fiel à sua missão e à própria História do Estado do Rio. (O Flu, 07/05/1978, primeira página)

### **Considerações Finais**

Se, para Nora (1976), tem cabido cada vez mais aos meios de massa dizer o que é ou não acontecimento histórico, o acontecimento midiático é apresentado com a "força de um dado" ao historiador para que ele faça sua interpretação ou, claro, ao leitor em geral. Porém, se o acontecimento não é um dado da realidade, mas um produto da articulação narrativa, como afirma Ricoeur (1994), então será a capacidade de verossimilhança, de dar sentido, ou seja, de produzir concordância na narrativa, que fará com que esse acontecimento seja crível. O grau de sucesso ou fracasso desse empreendimento talvez dependa da capacidade de um veículo de comunicação estabelecer pacto com seu leitor, o que poderia ser feito por um certo uso da história.

Segundo Ricoeur (1994), o acontecimento funciona como o ponto de convergência em torno do qual se disputam os sentidos. Ele é a própria peripécia de uma história e, se o jornalismo precisa narrar a realidade, tanto mais eficiente será quanto mais basear sua narratividade em acontecimentos. Com isso, podemos relativizar a tese de que lemos jornal para nos mantermos informados, de uma maneira utilitária, mas para sentirmos estar participando da história.

Além do enfoque nos acontecimentos, a idéia de história com a qual esses diários mostram trabalhar se baseia naquilo que Bloch (2001) critica como o ídolo das origens, um vício historiográfico que, neste caso, adquire uma função especial no jornalismo. É de se esperar que os homens que fizeram essas edições comemorativas



representassem a história a partir de sua própria historicidade. Até aí o jornalismo se igualaria a qualquer outro produto de seu tempo. O que se pretende destacar é que pode ser graças a uma certa noção de história que se ancoraria parte da legitimidade do jornalismo como forma de representação necessária e relevante.

Ao dizer "isto é histórico", ao produzir e contar os acontecimentos, ele explicaria a história, fornecendo uma racionalidade ao cotidiano e se fazendo, assim, necessário. Se na modernidade se supervaloriza a mudança, o jornalista se inseriria no processo histórico como aquele com melhores condições de detectar, apresentar e explicar a mudança. E, como o foco é na mudança, é preciso se atualizar todo dia. O fato percebido como inédito teria, assim, função vital para o jornalismo.

Finalmente, a mídia, sobretudo a jornalística, constituiria lugar privilegiado de construção de uma idéia de história, com ênfase no acontecimento. Como isso chegou ao jornalismo é de se supor que tenha sido por meio de um pensamento cientificista e positivista na mentalidade na pequena elite letrada do Rio de Janeiro no século XIX. Talvez, entretanto, essa herança perdure de alguma forma no jornalismo e no que se espera dele.

### Referências bibliográficas

- BARBOSA, Marialva C. **Imprensa, Poder e Público**: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). Tese Doutorado História – UFF, 1996.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Ou o ofício de historiador. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CASTILHO, Márcio. **Uma morte em família**. Martírio e autoridade nos 100 dias de cobertura do caso Tim Lopes em O Globo. Dissertação de mestrado em Comunicação. Niterói (RJ), IACS-UFF, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. RJ: Contraponto: PUC-RJ, 2006.
- NORA, Pierre. "O retorno do fato". In: LE GOFF, JACQUES e NORA, PIERRE (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editores Ltda., 1976. Pp. 179-193.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50**. Tese de doutorado pela ECA/UFRJ, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A história do seu tempo**. A imprensa e a produção do sentido histórico. Dissertação de mestrado. ECO/UFRJ, 1995.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1994, tomo I.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. SP: Companhia das Letras, 1993. 1ª reimpressão, 1995.

---

1

2